

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



CONSIDERAÇÕES DIACRÔNICAS

JOÃO BORTOLANZA

Univ. Estadual de Mato Grosso do Sul

Univ. Federal de Mato Grosso do Sul

Résumé: Cet article essaye démontrer comme le flux du passé éclaire le présent. A partir de l'analyse de la Chanson CA 56 de Martin Soares et du poème «Amar» de Carlos Drummond de Andrade, on prétend démontrer que les langues romanes, particulièrement le Portugais, ne sont pas une simple modification du Latin par voies différentes, Via Latin Vulgaire, mais elles sont plutôt un processus en reassortiment constant Via Erudite, depuis l'Humanisme: les langues romanes ne «dérivèrent» pas du Latin, mais plutôt elles sont le Latin même, attesté à travers la permanence de leus voies parcourues, la populaire et l'érudite. C'est comme je dis souvent: «Langue latine, seulement déplacée dans la ligne du temps, le Portugais uniquement se comprend en sa dimension diachronique».

Mots clés: Via Populaire – Via Érudite – Diachronie – Changements - Permanence

“Sem o cuidadoso trabalho de recuperar o fluxo do passado”, assevera Faraco (1998, p. 78), “ficamos sem entender complexas situações do presente”. É dentro desse princípio que apresento aqui algumas reflexões, a partir de um texto medieval e de um atual, para desvendar as marcas históricas, sobretudo as fonéticas, que permitem “recuperar o fluxo do passado” e iluminar o presente.

Iorgu Iordan assim se expressou há quase três décadas (1974, p. 299): “O aspecto mais interessante do problema [sonorização] me parece a existência real, até hoje, em diversas línguas românicas, de todas as etapas percorridas pelo fenômeno em questão”.¹

¹ “L’aspect le plus intéressant du problème [la sonorisation] me semble l’existence réelle, jusqu’aujourd’hui, dans diverses langues romanes, de toutes les étapes parcourues par le phénomène en question” (no texto, com tradução minha).

Essa presença dos passos percorridos pode aplicar-se a outros fenômenos, além da lei fonética da sonorização e da síncope respectivamente das surdas e sonoras intervocálicas. O que há nas línguas românicas não é uma simples e peculiar modificação do Latim – o que se deu via Latim Vulgar –, mas um processo de contínua realimentação pela dita Via Erudita: as línguas românicas não “derivaram” do Latim, são o próprio Latim, atestado pela permanência de seus caminhos percorridos, o popular e o erudito. As etapas da mudança podem verificar-se pela comparação das línguas românicas ou mesmo internamente em cada língua.

O Francês fez todo o percurso, que vai da sonorização das surdas intervocálicas à síncope das sonoras resultantes: *natu* > *né*, *nudu* > *nu*, *tacere* > *taire*, *temperatu* > *tempéré*, *maturu* > *mûr*, *lacrima* > *larme*, *quadratu* > *carré*; *patre*, *matre* e *fratre* > *père*, *mère* e *frère*. Por outro lado, atestam-se na língua os *doublets*, com os radicais alomorfes, tornando presente a raiz latina e, concomitante, trazendo o radical da forma popular: *né* / *natif*, *naturel*; *nu* / *nudisme*, *nudité*; *taire* / *tacite*, *taciturne*; *tempéré* / *température*; *mûr* / *mature*, *maturité*; *larme* / *lacrymal*, *lacrymogène*; *carré* / *quadrature*, *quadratique*; *père*, *mère* e *frère*, ao lado de formas eruditas, como *paternel*, *patrimoine*, *patrie*; *maternel*, *matrimonial*, *matrone*; *fraternel*, *fraternité* e *fratricide*. Verificam-se também, esporadicamente, reminiscências da fase intermediária, a revelarem o estágio da sonorização das surdas intervocálicas: *capra* > *chèvre* / *caprin*, *capricorne* / e *cabri*, *cabrage*; *rota* > *roue* / *rotatif*, *rotateur* / e *rôder*, *rôdeur*; *madrépore* < *matre* + *poro*; *tacere* > *taire*, ao lado da surda de *tacite* e da sonora *taisez* (< *tacebat*); de *lupu*, encontra-se a forma arcaica *louve*, que revela a passagem pela fricatização *b* > *v*, antes de *leus*, com a síncope da sonora:

*Plus est bele qu'ïmage
cele que je vous di
mais tant a vil corage
anuïeus et failli
qu'ele fait tout ausi
com la LOUIVE sauvage
qui dês LEUS d'un boschage
trait le pieur a li.*

É mais bela que uma estátua
aquela de quem vos falo;
mas tem ela um coração tão vil,
tão maligno e tão baixo,
que fez (comigo) tal
como a loba selvagem –
que dentre os lobos de um bosque
atrai para si o pior (– o mais fraco)²

² SPINA (1996) 233

É a mesma fricativa encontrada em: *capillu* > cheveu, *chevelure*; *potere* (< posse) > *pouvoir*, *pouvant*; *site* > *soif*, *soiffard*; *scopa* > *escouve* (ant.).

Para alguns filólogos, é a redução ou simplificação das geminadas a responsável pelo processo que iniciou uma “reação em cadeia”, em que surdas se sonorizam e sonoras sofrem síncope³, como se pode ler em Câmara Jr (1975, p. 54):

Em posição interior, entre vogais, o processo evolutivo decisivo, como bem apreciou Martinet (1955) para o romance das Gálias e da Ibéria, foi a simplificação das consoantes geminadas. Criaram-se com isso consoantes simples em muito maior volume, para cada tipo, e, ao mesmo tempo, a supressão das oposições /pp/:/p/, /gg/:/g/ e assim por diante. A reação parece ter sido a conservação das oposições, em outras condições embora, por meio da lenização da antiga consoante simples (...) as surdas passaram a sonoras (...) A maior parte das sonoras se esvaíram.

Para outros, entretanto, o primeiro passo é o fenômeno da fricativação, como argumenta Väänänen (*apud* ARIZA, 1994, p. 25): “... *la simplificación de las geminadas latinas (...) no se ha verificado más que en vísperas de la fijación de los idiomas románicos, y, en todo caso, posteriormente a la sonorización de las sordas intervocálicas*”.

Quer seja a fricativação, quer seja a redução das geminadas que desencadeou o processo da sonorização e da síncope sucessivas, o que aqui releva é que as pistas continuam no presente a testemunharem as várias etapas. É assim que *probare*, *arbore*, *cubile*, *ignorabant*, *nube*, *populu* e *faba* comprovam o fenômeno da fricativação em português – embora em menor escala que em francês e em espanhol – dando-nos: *provar*, *árvore*, *covil*, *ignoravam* (-*abam* > -*ava*), *nuvem*, *povo* (arc. *poboo*) e *fava*. Com a fricativação da sonora -b-, a surda homorgânica -p- passa a ocupar o espaço vazio, sonorizando-se em -b-, embora a regressão erudita muitas vezes retome o radical com a surda: *superbia*, *sapone*, *apertu*, *crepare*, *apotheca*, *recipere*, *episcopu* e *paupere* > *soberba* / *superbíssimo*, *sabão* / *saponáceo*, *aberto* / *abertura*, *quebrar* / *discrepante*, *bodega*, *receber* / *recipiente*, *bispo* / *episcopado* e *pobre* / *depauperar*.

Em português, bem como em espanhol, verifica-se facilmente a sonorização. Já a síncope das sonoras intervocálicas é antes uma marca

³ Cf. ARIZA (1994) 30.

do português, embora esteja presente também em castelhano. Correspondem a *caepulla*, *civitate*, *carricare*, *formica*, *virtute*, *profectu*, respectivamente em português e em castelhano, cebola e cebolla, cidade e ciudad, carregar e cargar, formiga e hormiga, virtude e virtud, proveito e provecho; e a *totu*, *fata*, *latu*, *securu* correspondem, em ambas as línguas, todo, fada, lado, seguro. A síncope da sonora intervocálica apresenta diferenças entre as duas línguas ibéricas. Assim, enquanto se verifica em *crudele*, *credere*, *videre*, *rege*, *digitu* > cruel, crer e creer, ver e veer, rei e rey, dedo, não se realiza com -l- e -n- intervocálicos – acrescentando-se a característica nasalização resultante da síncope do -n- em português. Como exemplos: *colore*, *malos*, *salute*, *animales*, *solu*, em que -l- sofre síncope em português, mas não em castelhano: cor / color, maus / malos, saúde / salud, animais / animales e só / solo. Como exemplos de -n- intervocálico: *luna* > lũa > lua / luna; *moneta* > moeda / moneda; *sanu* > são / sano; *lacuna* > lagoa / laguna; *bonu* > bõo > bom / bueno; *panes* > pães / panes.

A existência de radicais alomorfes em Português passa, assim, a ter sua razão de ser, posto que, com a regressão erudita, pela necessidade de ampliar o vocabulário técnico, sendo o Latim a língua de civilização e das universidades nos primórdios das Ciências e Línguas modernas, retorna-se à forma latina clássica, anterior, portanto, à lei fonética da sonorização: água / aquífero, mão / manipular, nu / desnudar, dedo/ digital, real / régio. Recuperado o fluxo do passado, os cognatos começam a distribuir-se em dois grupos, sendo um popular – gerar, geral, geração, gerativo, gerador, geralista – e outro, erudito a recompor a forma latina – general, generalidade, genérico, generalizar, regenerar, degeneração.

Observemos em textos de diferentes épocas o percurso das mudanças ocorridas. Num primeiro momento, uma cantiga do século XIII, extraída do *Cancioneiro da Ajuda* (CA), edição de Carolina Michaelis (1904, p. 119).

Cantiga 56 – Martin Soares

Non ouso dizer nulha ren
a mia senhor; e sen seu ben
non ei mui gran coit(a) a perder:
Vedes que coita de soffrer!

Nulha ren = nada
= sem ser correspondido
“minha dor não há de diminuir”
Coita > *cocta* (*coacta*)

D' amar a quen non ousarei falar, pero non perderei gran coita sen seu ben-fazer: Vedes que coita de soffrer!	Drama da dor sem comunicação Ousarei < <i>ausare habeo</i> ben-fazer = benefício, favor Soffrer < <i>sofferere (sufferre)</i>
Por gran coita per tenh' atal d' amar a quen nunca meu mal nen mia coita ei a dizer: Vedes que coita de soffrer!	Per = reforçativo (muitíssimo) Atal = tal, semelhante Ei a dizer = tenho que dizer Vedes < <i>videtis</i>
E vejo que moiro d'amor e pero vej'a mia senhor, nunca o per min á saber: Vedes que coita de soffrer!	Vejo < <i>video</i> Moiro < <i>morio(r)</i> "nunca o há de saber por mim" Pero = mas

Facilmente, já nos primeiros textos arcaicos, se constata: a sonorização de DICERE, FACERE, SAPERE e VIDETIS > dizer, fazer, saber e vedes; a síncope de HABEO > ei, HABET > á, VIDETIS > vedes, FABULARE > falar (via assimilação *fablar > fallar*); a palatização de NULLA, TENEIO, SENIOR e VIDEO > nulha, tenho, senhor e vejo; a vocalização de MULTU e COCTA (*coacta*) > mui (forma apocopada) e coita; além da assimilação AUSO (< *ausare*, formado do supino *ausum* de *audere*) > ousar e da hipétese em MORIO(r) > moiro. Muitos são os termos que recompõem, na atualidade, a maior parte dessas raízes latinas: maledicente, facilidade, sapiência, evidente, hábil, confabular, anular, tenente, multiforme, coactado, audaz, moribundo. Não há, porém, na CA 56, ocorrências de tais étimos, pois ainda estamos na fase "romance" do português, o *romanice fabulare*, evolução normal do Latim Vulgar: um simples e pobre dialeto, ainda a alguns séculos da erudição classicizante que irá incorporá-los em grande escala. A destacar-se a forma "VEDES", que ainda permanece entre os poucos exemplos em que à sonorização não se segue a síncope da sonora: na primeira fase do português arcaico, ainda é muito freqüente o emprego da desinência verbal -DES / -DE (*cantades, buscade, queredes, fazedes*).

Nesse rápido excursão, fixemo-nos, agora, no poema “Amar”, extraído de *Claro Enigma* de Carlos Drummond de Andrade (1980, p. 42):

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão vazio,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Diferentemente da cantiga acima, este poema oferece vasta gama de radicais eruditos, havendo até a presença de alomorfes em ROTAÇÃO e RODAR. Apontemos alguns alomorfes vernáculos para os eruditos atestados: CRIATURA / criado; INFINITO / infindo, infinidade; IMPLÍCITO (de *plicare*) / chegar, prega (semi-erudito); ILIMITADO (de *limite*) / (des)linda e (des)lindar; INÓSPITO < *inhospitu* / hóspede, hospedagem; INGRATIDÃO (de *in + gratu*) / agradar, desagradável, agradecer; de RAPINA (de *rapere*), salvo o arcaico rabaz (< *rapace*),

praticamente só o étimo latino é produtivo: rapaz, rapariga, rapaziada, raptó, rapinante, rapinar, rapacidade etc. Vejam-se também as formas latinizantes EXPECTANTE, TÁCITO, ÁSPERO, PÉRFIDAS e INERTE, ao lado de neologismos como desamar e malamar.

A partir dos radicais resultantes da sonorização e da síncope das consoantes intervocálicas, pode-se reconstituir a produtividade dos radicais eruditos anteriores: PODE / potente, onipotência; ESQUECER (< *excadescere* > escaecer) / cadente, decadência, caduco; VIDRADOS (-*atu* > -ADO) / vítreo, vitral, vitrina, vitrificar; SOZINHO / solitário, solidão; OLHOS / ocular, oculista, inocular; ÁGUA / aquícultura, aquícola, aqueduto, aquíeo, aquoso; VAZIA / vacar, vácuo, vacância, vacuidade; MEDO e SEDE, com raros exemplos eruditos (meticuloso, sitibundo); ENTREGA (de *integrare*) / integral, integrante, íntegro.

A relevar ainda a metátese em SEMPRE, ENTRE e PREGUNTAR: definitiva em *semper*; com regressão muito produtiva em *inter*, mais produtivo, como prefixo, que entre; e com regressão popular em preguntar, derivado de *percontari* (<*percunctari*, passando pela metátese, por troca de prefixo, *praecontare*), e ainda com a forma correta *preguntar* em castelhano. Em SECURA, temos um exemplo de redução ou “*degeminación*” (< *siccu*), além da abertura vocálica, sendo raras as formas eruditas: exsicar, exsicação, ressaricar e sicativo. A assibilação de -ti- + vogal, em nomes derivados com o sufixo *-tione* > -ção, verifica-se em ROTAÇÃO, ADORAÇÃO e DOAÇÃO. Muito comum a reconstituição dos radicais, com a forma -cion-, como em rotacional, nacional, racional, informacional, computacional – mantendo em francês a grafia latina: *rationnel*, *national*. Note-se, ademais, que, na forma -ão, há uma formação analógica convergente, recompondo-se no plural -ões < *-ones* -, o que se verifica ainda em INGRATIDÃO, em que *-udine(s)* se transforma em -ão / -ões.

Pelos poemas analisados, pode-se comprovar como as transformações históricas do Latim deixam marcas, a serem recuperadas no presente das línguas românicas, em especial do Português: de um lado, a formação progressiva, com as conseqüentes transformações fonéticas dos radicais, e, por outro, a regressão, a partir do Humanismo, com a reconstituição das raízes latinas clássicas. É essa duplicidade diacrônica do percurso das línguas românicas que permite idas e vindas – do Latim ao Português e vice-versa – permitindo ao lusofalante empregar, ainda que de modo insciente, povo / popular, mão / manual, pé / pedal, meio /

médio, todo /total, só / solidão, alterando radicais alomorfeos vernáculos e eruditos, hoje incorporados à língua, a refletir a regressão científica conduzida pelo avanço científico.

Há um olhar diacrônico que se perdeu com a supressão do Latim nos currículos brasileiros, afetando sobretudo os profissionais das Letras, que mal sabem reconhecer os fenômenos diacrônicos do objeto de sua Ciência. Com o intuito didático deste trabalho, pretendo contribuir com as reflexões daqueles que têm como óbvio que “o passado ilumina o presente” e que pesquisas de cunho diacrônico são fundamentais para entender o que vem sendo um bordão de minhas preleções: “Língua latina, apenas deslocada na linha do tempo, o Português só se entende em sua dimensão diacrônica” (BORTOLANZA, 2000, p. 85).

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de: *Literatura Comentada*. Seleta, notas e crítica por Rita de Cássia Barbosa (São Paulo: Abril Educação, 1980).
- ARIZA, Manuel: *Sobre Fonética Histórica de Español* (Madrid: Arco Libros, 1994).
- BORTOLANZA, João: “O Latim e o ensino de Português”, *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, ano 6, n.º 18 (set/dez 2000) 77-85.
- CANCIONEIRO DA AJUDA, Ed. de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo de Castro e do glossário das Cantigas (Revista Lusitana, XXIII) (Lisboa, Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1904) 2 vol.
- FARACO, Carlos Alberto: *Linguística Histórica* (São Paulo: Ática, 1998).
- IORDAN, Iorgu: “Évolution des occlusives latines em Roman”, *Revue de Linguistique Romane* 38 (Paris, 1974) 297-301.
- SPINA, Segismundo: *A Lírica trovadoresca*. 4ª. ed. revista e ampliada (São Paulo, Edusp, 1996).